

O MAL, SENTIDO E DITO

Daniel Delouya*

RESUMO. O questionamento *por que o mal é tão antigo quanto a linguagem e a humanidade*. A definição e a identificação do mal com o outro constituem o eixo mais conhecido nas ocupações filosóficas e psicanalíticas. As inabilidades do ser humano, desde os inícios da vida, em lidar com as intensidades que se abatem sobre ele de dentro e de fora, e que resultam no que se denomina de trauma, são certamente os fatores da apreensão do mal e sua identificação com o outro. Entretanto, o trauma institui também o outro na origem do próprio desejo e como guia para a própria linguagem. O outro se engaja nesta empreitada pelo apelo imanente ao trauma e ao estado de desamparo do sujeito. Pretendemos “puxar” um dos fios deste arranjo paradoxal na obra freudiana, examinando sua atual relevância no cenário social e político, também a partir de obras pós-freudianas.

Palavras-chave: trauma, mal, intricação pulsional.

BADNESS FELT AND SPOKEN

ABSTRACT. The questioning is why *badness* is as old as humanity and language. The definition and identification of badness with the *Other* constitute one of the main known axes around which philosophical and psychoanalytical thoughts were fabricated. The helplessness of the newborn human being, his inability to deal with the outer and inner intensities and exigencies, that is, the trauma impact of existence, is certainly one of the main factors for badness conception and the perception of its origin in the other. However, psychoanalysis shows us beyond doubt that the other is also the traumatic source of the human desire and language. The other is called to exercise these functions by the immanent necessities of the original traumatic human condition. We examine some aspects of this paradox complex following its indications in the first Freudian works and relating it to post-Freudian works and its relation with the contemporary scenario

Key words: trauma, badness, drive fusion.

O mal está por toda a parte, nós o sabemos e, com exceção de poucas outras coisas, só se fala dele. Nada mais cativante do que o mal presente no diálogo diário, da fofoca e no que se assiste e se procura nos meios de comunicação. Todo interdito, portanto mal, implica o desejo, notava Freud. Os grandes prazeres do corpo – comer, beber, evacuar, transar - não seriam prazeres se não fizessem mal, derivassem do mal ou contivessem certa maldade: a maçã sem a serpente não tem graça: *O mal dá gosto: é bom*. O par dos substantivos mal-bem não anda então, ao que parece, em paralelo com o outro par dos predicados ‘mau’-‘bom’. Este, por se circunscrever no regime das qualidades psíquicas – e, portanto, próprio ao campo da psicanálise – nos é sempre mais confortável, porque nos poupa do envolvimento direto com a moral e a religião, onde o mal tem sido um tema privilegiado. Atribui-se a Freud grande influência

sobre os costumes modernos precisamente por ter inocentado do mal as perversões sexuais e ter eximido as condutas bizarras - sobretudo da histeria, mas também das psicoses - de suas supostas implicações com o mal e as maldades do homem.

Os excessos, desvios das boas medidas, são focos de atenção clássicos da filosofia acerca da moral e da ética. A psicanálise os tem tomado como caráter fundamental da vida psíquica. O psiquismo é traumatizado e traumático porque lida e se constitui pelos excessos, de fora e de dentro, precisamente no eixo sexual, da sexualidade do outro e de si. O mal, neste caso, é necessário para o bem porque se situa no eixo de construção da vida psíquica. E Freud muito cedo, em 1896, já alertava os médicos, que enxergavam nas neuroses um mal herdado e imutável, de que se tratava, na verdade, de uma epidemia inerente à sedução perversa efetuada pelo adulto sobre

* Psicanalista e docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da USM-SP e autor entre outros dos livros *Epistemopatía e Depressão, estação psique*.

a criança e desta sobre seus irmãos, primos e colegas; trama essa que leva, inexoravelmente, à primeira tópica freudiana onde a agressividade e a dor são associadas à pulsão sexual. Nesta concepção, o mal parece ocorrer sem querer ou mesmo propositadamente, já que no terreno da sexualidade um certo grau de violência é necessário para atingir o gozo. O mal oriundo da pulsão de domínio, elaborada em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1977), é, de fato, secundário. O mal é, freqüentemente, consequência da passagem ao ato - sem intenção consciente - de uma intenção inconsciente, mas onde o domínio configura uma defesa, ante a sexualidade, do efeito contingente, traumático e transformador desta.

Este quadro muda de figura na segunda tópica (1920/1991 e 1939/1986), onde o desinvestimento e a destrutividade operam no seio da vida psíquica. Apesar disto, parece-me que na prática clínica temos dificuldades em enxergar a franca maldade. Não me lembro de nenhum caso de colegas ou mesmo da literatura em que o analista tenha considerado o paciente malvado, e eu também não vi maldade de caráter em nenhum dos meus pacientes. O malvado não é alguém que faz o mal, mas que *ama o mal* (Green, 1988/1990, p.387). Todos nós fazemos o mal, mas alguns o amam. Amar o mal não significa só gozar com o sofrimento do outro - isto é banal -, mas algo muito mais radical e impessoal: é gostar de traçá-lo, detectá-lo, apontá-lo e localizá-lo, imaginando poder exterminá-lo e assim assegurar o triunfo definitivo de um bem soberano. Deste modo aniquila-se qualquer culpabilidade ou remorso em si. Poucos chegam a este extremo, de se engajar em se desfazer em absoluto, com as próprias mãos, do remorso, ou seja, deste ingrediente de amor - de atenção, compaixão e identificação com o próximo em seu sofrimento¹. Não obstante, à semelhança da pessoa malvada, farejamos o mal por toda a parte, detectando-o, em comunhão, nos inimigos à distância que a mídia nos fornece - Bush, Sharon, ACM - e nas personagens que governam, nos bastidores, as nossas instituições e os estabelecimentos nas imediações de nossas moradias.

O mal talvez venha daí, do *não-amor*, da indiferença em que se nota a falta de compaixão e compreensão ao apelo de ligação do outro. A ligação do outro é necessidade inerente a nossa condição fundamental de desamparo. O *desligamento* constitui a

mola principal de ação da pulsão de morte que configura uma espécie de código da segunda tópica. Nesta, Freud avança uma das respostas mais radicais: a pulsão de morte age em surdina e constantemente, desfazendo a intricação pulsional e, à semelhança da célula viva, as pulsões "soltas", excreções metabólicas do desligamento, tornam-se indisponíveis para a ligação, pois, ao serem livres, circundam o ser: agridem-no e o traumatizam. Enxerga-se então, o mal e a hostilidade por toda a parte.

Cabe lembrar que nesta proposta sugerida por Freud (1920/1990), *Mais além do princípio do prazer*, e explicitada no ensaio de 1924, *O problema econômico do masoquismo*, a idéia é que as pulsões são, de início, fundidas, intrincadas uma na outra, embora haja uma desintricação basal, fruto da operação da pulsão de morte. As excreções resultantes são emitidas para fora ou podem vir a ser reintrincadas, levando a várias formas manifestas do adoecer masoquista (voltaremos a este tema mais adiante).

Contudo, essa solução é tanto geral quanto abstrata e deve ser contextualizada na constituição e construção psíquica proposta por Freud. Lembro, de passagem, que Melanie Klein levou *parte* desta intuição freudiana às últimas consequências. São os kleinianos que nos advertem sobre a maldade e a inveja do paciente, as quais não só envenenam o analista, mas podem até assassiná-lo. Porém, na obra kleiniana existe a esperança de haver um bom término - é possível alcançar a reintegração deste mal, da agressão e da inveja, no culpar-se e no deprimir-se, fazendo-se luto da implícita onipotência. A cura do desligamento não figura deste modo em Freud e, de qualquer modo, o mal jamais é totalmente superado ou barrado.

Klein nos remete a uma distinção que precisamos retomar, isto é, da relação do par bem-mal com as qualidades 'bom' e 'mau'. O último par nos reporta à distinção entre, de um lado, o princípio de prazer-desprazer e, de outro, o da realidade. É a partir do princípio do prazer que Freud constrói o aparelho psíquico. Há uma diferença a este respeito entre a concepção do texto de 1915, *As pulsões e seus destinos* e a de 1925, *A negativa*. Em 1915, Freud nota que o mundo exterior é indiferente para o bebê. Trata-se de um estado narcísico auto-erótico originário em que o eu é investido pelas pulsões e se mostra, ele mesmo, como capaz de satisfazê-las: "O mundo exterior não é investido pelo interesse (no sentido mais geral do termo); é indiferente no que concerne à satisfação" (Freud, 1915/1991, p. 133). Tal sistema, salienta Freud em 1911, não tem nenhuma chance de existir, e só é concebível sob a condição que nele se incluam os

¹ Freud utiliza a palavra *nebenmensch*, que significa o outro (adulto) próximo, atento e prestativo para o bebê desamparado (Freud, 1895/1995, p. 32).

cuidados maternos². Ou seja, a organização narcísica auto-erótica do bebê repousa sobre a ilusão de que é ele, o bebê, quem dispensa o seu próprio bem, e não a mãe que o provê de fato. Ele ignora o mundo exterior porque engloba a mãe nos efeitos de sua onipotência, já que não reconhece sua existência separada. Porém, ocorre, diz Freud, um *novo desenvolvimento* sob a dominação do princípio do prazer: o eu coloca para dentro os objetos fontes de prazer e expulsa para fora aquilo que causa dor dentro dele mesmo. O ódio aparece com a descoberta do objeto ao qual é consubstancialmente ligado. O objeto é descoberto no ódio, com o ‘mau’ objeto. Aqui, o ódio e o afeto que acompanha o ‘mau’ objeto são secundários e tardios, pois é preciso atingir a diferenciação entre o eu e o objeto para que o mal seja reconhecido.

Já no texto *A negativa* (1925/1991), a criança tem consciência do mal desde o início uma vez que o bom é incorporado e o mau expelido (excorporado). Nesta hipótese, a distinção entre o ‘bom’ e ‘mau’ é anterior à distinção entre o eu e o objeto. O que levou Freud a passar de uma indiferença ao mundo exterior, postulada em 1915, para uma exterioridade má e odiada em 1925? Creio que a noção de pulsão de morte. Em 1915, é o objeto que é posto para fora. Em 1925, o que é ‘mau’ e deve, portanto, ser expulso, não é ainda um objeto; é algo que não tem nome, e que talvez receba um *após* a expulsão. Ou seja, a ausência de um nome se deve à ausência de noção de um eu e de um objeto sobre o qual se pode projetar o mal e o odiar. Trata-se de um estado que pode ser descrito pela imagem do bebê rodeado por sensações ruins, ‘maus’ objetos, em um terreno amplo e ainda indiferenciado de eu-outro; situação que demanda o trabalho da mãe para que a ex-corporação seja transformada em projeção e para que esses sentimentos bizarros - porque rejeitados e expulsos - possam, depois, obter um sentido e assim ser acolhidos pelo emergente sujeito. A clínica nos fornece, a este respeito, uma ampla gama de sofrimentos que se caracterizam pelo não-sentido, pela vivência bizarra de estar no mundo.

Tenho em mente, neste contexto, uma análise em curso (com alta frequência de sessões) em que a sala da análise torna-se um espaço para o qual são expelidos sentimentos ruins em relação ao mundo. Cria-se um cenário imaginário, evocado na conhecida expressão cotidiana, em que tal infestação do ambiente parece provir de um ventilador ligado, injetada continuamente por palavras fecais veiculadas

por sentimentos ruins das quais o paciente tenta se livrar. Tal procura exasperada de alívio pela evacuação se deve à vivência de um sem-sentido, de um mundo bizarro, como se o sujeito estivesse situado em um universo obscuro, onde satélites de maus objetos o circundam de todos os lados. Bion (1967), a quem devemos tais termos e descrições (evacuação, objetos bizarros, satélites, etc), apontou a falta da função de continência, que deveria ser adquirida junto ao objeto de origem, a mãe. Essa, estando sensível a esses sentimentos do bebê, proporciona, atenta, palavras [“dói, tu sente mal”; “machucou”; “ele (brinquedo causador da dor) é mau”], dando-lhes sentido, por meio do qual atribui a algo (projeção) a sensação ruim, o que permite, depois, sua progressiva integração e desta própria função de continência. Meu paciente recorria, e ainda recorre, a mulheres (que lembram, em seu físico e maneiras, a sua mãe), queixando-se para elas para obter, de forma concreta, alívios através de seus conselhos e promessas sobre um bem-aventurado destino.

É preciso frisar, novamente, que esta reiteração do estado inicial da vida ao qual Freud se refere em *A negativa*, descreve, como mostrei acima, um estado indiferenciado do outro, que requer do analista paciência - isto é, abster-se de reagir (Winnicott, 1960/1988) - para se tornar, aos poucos, na mente do paciente, um contante “*toilet breast*”, “seio toalete”, segundo Meltzer (1967). Isto ocorre por meio de uma função transformadora no analista, possibilitando ao paciente a aquisição da percepção da existência de um “vaso sanitário” - que assinala a conversão da ex-corporação (onde a realidade é má e odienta) em verdadeira projeção sobre um objeto unificado - e, assim, separar o bom do mau, o amor do ódio. O paciente adentrará, progressivamente, ao regime dos objetos totais. É só a partir deste processo que o sujeito poderá se transportar do universo bizarro para um outro, de estranheza (*unheimliche*)³, defrontando-se com o outro e com o *outro* de si (“inconsciente-outro-de-mim”). O estranho determina, certamente, todas as formas clínicas das incertezas quanto aos próprios limites - esta é a área dos objetos totais onde o mal é atribuído ao outro, ou seja, onde o ódio é convocado para nos definirmos em relação ao outro⁴. O paciente ao qual venho me referindo manifesta, após 14 meses de trabalho, certas dúvidas sobre a análise, sua frequência e a eficácia da minha função

² Trata-se da quinta nota de rodapé do referido ensaio (Freud, 1911/1991, p.37).

³ Conforme o termo que constitui o título do famoso ensaio de Freud de 1919.

⁴ É sobre a delineação deste universo - pertencente ao narcisismo secundário - que Freud se detém no já mencionado “novo desenvolvimento” do ensaio de 1915.

para seu mal. Concomitantemente, começa a suspeitar de que suas reações junto aos outros⁵ - que lhe custaram uma perda sucessiva de amizades e importantes postos de trabalho - se devem a seu caráter pessoal, fora de seu controle, e não só à maldade da realidade, da obscenidade que ele parece constatar por toda a parte na nossa sociedade. Essa nova e dolorosa consciência provoca defesa e um dia ele diz, referindo-se cinicamente às várias terapias que teve no passado, que estas o levaram ao contágio pelo vírus da Aids. O que despertou uma indagação sobre sua responsabilidade - pois nunca conseguiu traçar as circunstâncias desta infecção, na qual era obviamente implicado -, e não tão-somente sobre esta lastimável fatalidade, mas, sobretudo, quanto ao modo de afetar, infectar o outro com sua conduta. Assim, deu-se início à instauração da dialética eu-outro, marcada pelo ódio, mas também pelo surgimento do remorso e da consideração pelo outro.

Ao contrário desta configuração, assinalada no ensaio de 1915, o mal que Freud delineia dez anos mais tarde se situa no campo dos objetos parciais, regido por um regime mais primário, passível de persistir no adulto devido às falências do objeto de origem em proporcionar uma função que possibilite ao bebê lidar com o traumático primordial. Tomo, neste contexto, o *Projeto de uma psicologia*, de 1895, como referência: O adulto e seus serviços, afirma Freud, são imprescindíveis para o trabalho de ligação das urgências vitais - isto é das pulsões - com os complexos sensoriais do objeto, para a geração das redes mnêmicas, isto é, das referências do sujeito. A não-implicação da mãe - seja por desatenção e omissão, seja por intrusão - reforçaria no bebê a defesa, o desinvestimento, a desobjetalização (Green, 1988/1990), porque torna as incitações pulsionais inutilizáveis para a ligação e a construção da rede simbólica da vida psíquica. Tal falência do adulto pode ser pensada, segundo o desenvolvimento posterior na obra freudiana (1920-1930), como tendo efeito devastador sobre a fusão das pulsões, acelerando sua desintração. Uma das manifestações desta é a recusa de ligação que constatamos na RTN (reação terapêutica negativa descrita por Freud em 1923/1991, 1930/1985, 1937/1955). Tal configuração,

entre outras, patológicas e modernas, como as adições, as perversões e os distúrbios psicossomáticos, deve-se aos diversos modos de lidar com a desintração pulsional em face das exigências sublimatórias da vida em cultura. A carência ou a insuficiência de trajetos mnêmicos - oriundos da experiência com o adulto, a mãe -, figurando trilhas de ligação, aprofunda o desligamento da pulsão de morte. As incitações soltas das pulsões tornam-se um poço de agressividade que pode sofrer a tentativa de reintração em adoecimentos masoquistas, morais, como no caso da RTN e do masoquismo sexual, ou em doenças somáticas ou em formas sádicas e violentas às quais a vida moderna fornece conhecidas vias de escoamento - modalidades contempladas nos livros de Freud acima citados.

Voltando para a descrição encontrada no *Projeto...*, de 1895, a dor de desamparo converte-se em uma identificação hostil e alucinante com os objetos da realidade: O mal acaba ocupando grande parte desta. Na explicitação dos anos 1920, Freud insistira sobre a predominância da ação de desligamento e de desinvestimento dos objetos efetuada pela pulsão de morte. Porém, o grau e a intensidade destas dependem do auxílio dado pelos objetos de origem em transformar a dor gerada pelas incitações pulsionais e a violência do mundo perceptivo em trajetos mnêmicos e em referências auto-eróticas, aparelhando o sujeito com meios simbólicos para fazer face ao traumático sempre renovado da existência. O mal é, portanto, *inevitável*, pelo menos em algum grau, e o traumático da vida e do viver constitui sua origem.

REFERÊNCIAS

- Bion, W. R. (1967). *Second thoughts*, London, Tavistock publications.
- Freud, S. (1955). Analysis terminable and interminable. *Standard edition*, (Vol. XXIII, pp. 160-248). (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1977). Three essays on the theory of sexuality. *Pelican Freud Library (PFL)*, (Vol. VII, pp. 33-170). (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1985). Civilization and its discontents. *Pelican Freud Library (PFL)*, (Vol. XII, pp. 243-340). (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1988). The uncanny. *Pelican Freud Library (PFL)*, (Vol. XIV, pp. 335-376). (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1991). Formulations on the two principles of mental functioning. *Pelican Freud Library (PFL)*, (Vol. XI, pp. 29-44). (Trabalho original publicado em 1911).

⁵ Uma espécie de raiva desenfreada que se assemelha às birras de crianças pequenas que, de repente, viram o prato ou jogam objetos para todos os lados diante de uma frustração por parte do adulto que não se curva aos pedidos da criança, mesmo se precedidos pela entrega dócil inicial desta ao adulto. O que lembra a feliz expressão de Freud sobre este comportamento narcísico: "o bebê, sua majestade" (Freud, p. 85).

- Freud, S. (1911). On narcissism: an introduction. *Pelican Freud Library (PFL)*, (Vol. XI, pp. 59-99). (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1911). Instincts and their vicissitudes. *Pelican Freud Library (PFL)*, (Vol. XI, pp.105-139). (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1911). Beyond the pleasure principle. *Pelican Freud Library (PFL)*, (Vol. XI, pp.269-338). (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1911). The ego and the id. *Pelican Freud Library (PFL)*, (Vol. XI, pp. 339-408). (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1911). The economic problem of masochism. *Pelican Freud Library (PFL)*, (Vol. XI, pp. 409-427). (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1911). Negation. *Pelican Freud Library (PFL)*, Vol. XI, pp.435-442). (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1895). *Projeto de uma psicologia*, . (Osmyr Faria Gabbi Jr. Trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1896). L'hérédité et l'étiologie des nervoses. *Oeuvres complètes, 3* (pp. 105-120), Paris, PUF. (Trabalho original publicado em 1896).
- Green A., (1988). Pourquoi le mal? In Green (1990) *La folie privée*, Paris, Gallimard.
- Meltzer D. (1967). *The psycho-analytical process*, London, Heinemann.
- Winnicott D.W (1988). Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. Em (1968) *Da pediatria à psicanálise* (pp. 355-374). São Paulo: Francisco Alves. (Trabalho Original publicado em 1960).

Recebido em 17/09/2004

Aceito em 30/03/2005

Endereço para correspondência: Daniel Delouya, Rua Capote Valente 439, Cj. 104, CEP 05409-001, São Paulo-SP.
E-mail: delouya@terra.com.br